

ANEXO A. PORTEFÓLIO DA PRÁTICA



**INSTITUTO
POLITÉCNICO
DE LISBOA**



**ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA**

PORTEFÓLIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA (MÓDULO II)

Ana Rita A. C. Bernardes

(Nº 2017105)

Portefólio da Prática Profissional Supervisionada (Módulo II)

Docente: Professora Doutora Manuela Rosa

2019

ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

Na sua ação a educadora prioriza o papel ativo da criança no processo de ensino-aprendizagem e assume o desenvolvimento de uma relação de afetividade e o brincar como as suas principais intenções para a ação educativa.

De forma a desenvolver uma prática pedagógica adequada é fundamental estabelecer e fundamentar um conjunto de intenções que definam e caracterizem a ação do educador de forma a que o permita “atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que fez e o que pretende alcançar” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.13).

Desta forma, tendo por base as intenções da educadora, dando-lhes continuidade e tendo em consideração a caracterização do contexto socioeducativo apresso e avalio as intenções que nortearam a minha ação pedagógica com o grupo de crianças, famílias e equipa educativa, tendo sempre subjacente os meus valores e princípios.

Tabela A4

Processo de intervenção “o que fiz...como fiz... para que fiz?”

O que fiz?	Como fiz?	Para que fiz?
Com as crianças		
Privilegiei o brincar	- Proporcionei tempos e oportunidades para brincarem; -Envolvi-me nas suas brincadeiras; - Incentivei à relação entre pares; - Incentivei à partilha.	- Promover o desenvolvimento social; - Obter conhecimento dos seus interesses e escolhas das crianças (participei e observei) - Proporcionar a partilha de conhecimentos
Criei relações de proximidade e confiança	- Estive disponível para cada criança; - Apoiei; - Transmiti confiança e segurança - Conversei.	- Criar uma relação de afetividade com cada criança; - Criar uma relação de base para toda a ação educativa
Escutei as crianças, conferindo-lhes um papel ativo	- Envolvi as crianças no momento do planeamento e avaliação; - Proporcionei oportunidades e incentivei-as a realizar as suas escolhas e tomarem as suas próprias decisões;	- Valorizar a criança como sujeito e agente do processo educativo;

Proporcionei climas de comunicação	- Privilegiei a existência de momentos de diálogo em grande e/ou pequeno grupo; - Potencie a existência de conversa em individual; - Incentivei as crianças a partilhar as suas ideias ou sugestões nos diversos contextos; - Questionei as crianças acerca de diversos temas;	- Apoiar as crianças com maiores dificuldades ao nível da linguagem oral; - Contribuir para o desenvolvimento da comunicação;
Promovi a autonomia das crianças	- Incentivei as crianças a fazerem as suas escolhas – escolher a área, ou a proposta. - Incentivei as crianças à resolução autónoma dos conflitos com os seus pares; - Incentivei a agirem autonomamente no decorrer da rotina como – calçar os sapatos, vestir as batas.	- Contribuir para o desenvolvimento da sua autonomia; - Contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de segurança e autoestima de cada criança
Com as famílias		
Envolvei as famílias na minha ação	- Partilhei informações da minha prática; - Solicitei a sua colaboração;	- Envolver as famílias no processo educativo; - Estabelecer uma relação com as famílias
Com a equipa educativa		

Estabelecer uma relação	- Tive em conta todos os conselhos da equipa; - Partilhei a informação acerca das minhas intenções, duvidas e dificuldades; - Respeitei o espaço de cada elemento; -Planeei em conjunto;	- Promover o espirito de equipa e trabalho colaborativo
--------------------------------	---	---

Nota. Elaboração própria .

INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO

Apresentação e análise dos dados

Terminado o estudo realizado, serão apresentados e analisados os dados recolhidos tendo em consideração a fase inicial e a fase de intervenção.

A apresentação dos dados, em árvore categorial, divide-se em duas categorias: oportunidades de escolha e a participação e envolvimento da criança na organização e funcionamento do espaço da sala.

Fase inicial

O processo de investigação teve início no primeiro período, momento em que muitas das crianças se encontravam em fase de adaptação e a educadora em fase de observação e avaliação diagnóstica do grupo.

A sala, organizada pela educadora para receber o grupo de crianças, encontrava-se disposta em sete espaços distintos

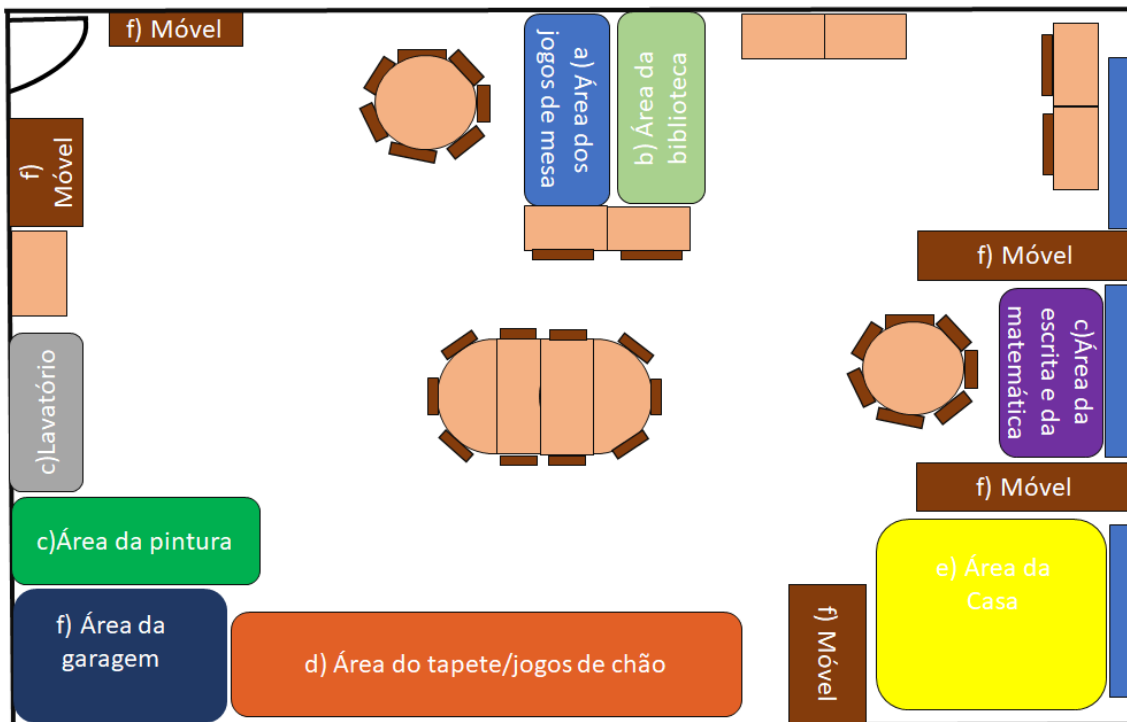


Figura A14. Planta da sala (fase inicial).

Como mencionado na revisão da literatura, tal forma de organização é reconhecida como uma mais valia, potenciando uma maior diversidade de experiências e aprendizagens, assim como proporciona maior oportunidade de escolha.

Contudo, no decorrer desta fase inicial – período de observação e avaliação do ambiente, pude constatar algumas fragilidades ao nível das escolhas e apropriação dos espaços.

As oportunidades de escolha subdividem-se em três tipos: escolhas com propósitos, escolha autêntica e escolha limitada.

Numa primeira análise à tabela 1, destaco a predominância de escolhas limitadas. No momento de brincadeira, nos diferentes espaços da sala, as escolhas das crianças ficavam restringidas às alternativas dadas pelos adultos “*É melhor só nos jogos de mesa, chão, garagem e na casinha*”. Maioritariamente, a existência de escolhas limitadas devia-se a questões referentes à gestão do tempo, sendo, muitas das vezes este o motivo de não ser proporcionada às crianças a oportunidade de irem brincar para determinados espaços “*como já são quase 15h00 é melhor escolherem ou um jogo de mesa ou um jogo de chão*”

Relativamente às escolhas autênticas, proporcionadas pelo adulto levando a criança a pensar em alternativas e escolher (Lino, 2005), quando potenciadas *“quem já fez tudo pode escolher uma área”*, destaca-se que as escolhas das crianças incidiam regularmente nos mesmos espaços (casa, garagem e jogos de chão), não tendo qualquer registo das suas explorações em determinados espaços *“Nenhuma criança escolheu ir brincar para a área da biblioteca, dos jogos de mesa, nem da escrita e da matemática”*. Nos registos recolhidos evidencia-se a, quase, inexistência de situações de iniciativa por parte da criança- escolha com propósitos, apenas um registo *“As crianças pedem para irem brincar para as áreas”*.

No que concerne à subcategoria da participação na organização e funcionamento da sala, é possível verificar que se situa ao nível da participação consultiva.

As duas situações de não participação na organização do espaço tiveram como base o acréscimo de novos materiais na sala *“Hoje a mãe da RC traz dois sofás que ficam arrumados na área da biblioteca”*, não tendo sido as crianças envolvidas *“a educadora e a auxiliar trocam ideias de onde colocar o globo na sala. Optam por dispô-lo entre as áreas da biblioteca e da escrita e matemática”*. No caso específico da biblioteca a existência e disposição dos novos materiais, veio impossibilitar oportunidades de exploração do espaço

Ana Rita, podes ajudar-me, não chego ao livro que quero, por causa dos sofás” auxilio-a e dou-lhe o livro que quer”.

Relativamente às situações de participação consultiva, estas relacionam-se com a organização do grupo e do tempo. É de salientar que, quando eram diminuídas as opções de espaços para brincar, consequentemente aumentava o número de crianças por espaço, sendo que existia um número máximo definido, a título de exemplo a casa, espaço onde só podiam brincar até cinco crianças. Desta forma, surgiam alguns conflitos entre as crianças, sendo o adulto a intervir e a mediar, acabando por ser o mesmo a tomar algumas decisões *“surge algum conflito, pelo que é sugerido pela educadora que se faça grupos, sendo que cada grupo brinca cerca de vinte minutos na casa”*. Na entrevista realizada à educadora cooperante, esta afirma ser uma das suas estratégias *“utilizo estratégias como fazer ao calhas na lista de presenças, outras vezes por exclusão de partes (quem já foi muitas vezes e quem ainda não foi). São algumas estratégias que utilizo*

Guião de Entrevista

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	• Legitimar a entrevista; • Motivar a entrevistada.	- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do tópico “investigação em jardim de infância” para o relatório da PPS II. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições	
B. Organização do espaço	• Compreender as intenções da educadora na organização do espaço	1. Quais são as suas principais intenções na organização do espaço? Na parte física, que seja adequado à quantidade de crianças que cada área vai ter. As áreas que mais precisam de luz, terem essa luz e o equipamento adequado à temática de cada área. 2. Que oportunidades de aprendizagem são proporcionadas? Na área da casa está organizado o mais parecido possível com a casa deles, para depois as crianças terem possibilidade de representarem papéis o mais real possível, nas roupas, materiais, na organização do espaço.	

		A garagem está sempre perto da área das construções (jogos de chão), para que se possa ser quase um prolongamento. A área da plástica perto do ponto de água. Nos jogos de mesa a arrumação e organização tem muita importância para mim. Outra coisa é não fazerem um jogo e não o levarem até ao fim. Terminar os jogos que iniciam. Às vezes também é bom jogarem a pares, proporciono isso uma criança desmotivada com uma criança motivada. Na área da biblioteca, que os livros tenham o seu espaço, identificado por cores que correspondem a temas (animais, enciclopédias). 3. Quais os seus principais critérios na escolha dos materiais? Resistentes, lúdicos, adequados às idades das crianças e com objetivos didáticos. 4. Quais os instrumentos que utiliza para a avaliação dos espaços e materiais? Avalio o espaço e materiais com as crianças. Para mim o maior instrumento são as crianças. Quando vejo que um espaço não está a ser requisitado é porque alguma coisa não está bem. Vemos o que precisamos de mudar e mudamos, o que gostam e não gostam.	
--	--	--	--

	Compreender as estratégias de envolvimento e participação das crianças	1. As crianças participam na organização do espaço? Eles participam, não na fase inicial, mas depois na primeira semana posso trocar, claro. 2. As crianças podem escolher para que áreas querem ir? Que tipo de escolhas é que permite/potencia? Podem! Há dias que existem muitos que querem ir para a mesma área. Por isso utilizo estratégias como fazer ao calhas na lista de presenças, outras vezes por exclusão de partes (quem já foi muitas vezes e quem ainda não foi). São algumas estratégias que utilizo. 3. Como é feita a apropriação das áreas? Há um número limite de crianças, mas por vezes eu deixo que entrem mais crianças. Quando estão organizadas, existem estratégias. As crianças podem transportar os materiais de uma área para a outra. 4. As crianças podem sugerir alterações no espaço da sala? Como é que dá resposta a essas alterações? Podem. Alterações fiáveis e profícuas para o grupo eu embarco. Por vezes querem alterações de acordo com os gostos deles. Outras vezes não é possível, mas tento sempre negociar.	

Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista	-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade	

Ouvir as vozes das crianças ...

Uma das condições imprescindíveis para efetivar a participação passa por reconhecer a criança como sujeito de direitos (Tomás, 2007), proporcionando-lhe oportunidade para exprimir as suas ideias e opiniões. Tal como enunciado na entrevista concretizada à educadora cooperante, esta assume envolver as crianças na avaliação do espaço e materiais “avalio o espaço com as crianças, para mim o maior instrumento são as crianças” (cf. anexo F entrevista à educadora cooperante).

Desta forma, antes de iniciar alterações no espaço, considerei crucial escutar as crianças relativamente às suas opiniões e sugestões acerca dos diferentes espaços da sala, de forma a completar os dados observados.

As entrevistas foram realizadas às vinte cinco crianças, organizadas em pequenos grupos, composto cada um por cinco elementos.

Entrevista: Nº 1	Data: 5 de dezembro	Intervenientes: PP; HR; MM; MP; CV
Eu: Qual é a área que gostam mais? Casinha (PP; HR; MM); garagem (MP; CV) Eu: O que acham dos materiais da sala? PP: olha eu acho giros, mas gostava de ter mais jogos HR: estão bem MM/ CV/ MP: estão bem assim Eu: Já alguma vez mudaram o espaço da sala? MM – Ai eu já, o ano passado com a outra estagiária tínhamos a área das ciências Eu: e como é que fizeram? MM: então tínhamos a área com muitas coisas das ciências, lupas, coisas por causa do projeto. HR: eu não estava cá PP: pois eu também não CV: Ana Rita eu não mudei nada MP: sim a área das ciências Eu: Então e se pudessem mudar alguma coisa, mudavam? O que mudavam na sala? PP: mais jogos HR: mudava a biblioteca Ana Rita. Sabes, eu gosto muito de ver livros e assim sossegadinho e caladinho.		

MM: olha eu gostava de ter uma casinha diferente. Olha Ana Rita, acho que devíamos ter duas casas. Também temos que por os sofás na biblioteca para nos sentarmos lá a ver os livros.

MP: eu acho que devia existir uma casinha grande para as meninas e uma casa pequenina para os meninos, assim não discutíamos.

CV: eu gostava de ter mais uma parte de jogos, outros jogos.

Entrevista: Nº 2	Data: 5 de dezembro	Intervenientes: CP; LF; MS; LS; RG
Eu: Qual é a área que gostam mais? Casa (CP; MS; LS) garagem (LF); legos (RG) Eu: O que acham dos materiais da sala? CP: eu acho bem LF: são bons MS: eu gosto, mas gostava de ter mais jogos sobre o mar e sobre os peixes. LS: eu também RG: encolhe os ombros e não responde Eu: Já alguma vez mudaram o espaço da sala? Todos respondem que não. Eu: Então e se pudessem mudar alguma coisa, mudavam? O que mudavam na sala? CP: eu gostava de ter uma área das ciências LF: sim, sobre o nosso projeto! RG: eu gostava de ter uma biblioteca MS: uma área dos peixes com lupas, peixes, conchas e pedras e também mais livros e computadores LS: eu também gostava da área das ciências		

Entrevista: Nº 3	Data: 5 de dezembro	Intervenientes: ML; SH; RC; MG; MR
Eu: Qual é a área que gostam mais? Casa (ML; RC; MG; MR) desenho (SH) Eu: O que acham dos materiais da sala? ML: bons SH: bons RC: para mim estão bons MG: Bons MR: bons, mas gostava de ter mais coisas do projeto Eu: Já alguma vez mudaram o espaço da sala?		

ML: sim, já tivemos a área das ciências
 Eu: E como é que fizeram?
 ML: então foi com a estagiária trouxe coisas para nós, meteu ali a área das ciências
 SH: Não
 RC: sim a área das ciências
 MG: Não

Eu: Então e se pudessem mudar alguma coisa, mudavam? O que mudavam na sala?

ML: a área das ciências e das experiências com livros de peixes
 SH: eu não sei
 RC: uma área das ciências, com coisas novas
 MG: Uma cozinha

Entrevista: Nº 4	Data: 10 de dezembro	Intervenientes: NG; VM; HP; AP; RA
Eu: Qual é a área que gostam mais? Garagem (NG; HP; RA) Jogos de mesa (AP) Todas (VM) Eu: O que acham dos materiais da sala? NG: eu acho que são bons, mas gostava de ter uma pista gigante ali na garagem VM: são bons, mas podíamos ter mais jogos HP: eu gostava de ter jogos das experiências, mais jogos AP: não responde RA: não responde Eu: Já alguma vez mudaram o espaço da sala? VM – já, era assim ... havia uma área das experiências na área da garagem ali, a área da garagem era ali na parte da biblioteca e a biblioteca na área da casa. Eu: E como é que foi essa mudança VM? VM: “ham?” Eu: tu participaste, também mudaste? VM: “não! Foi só a L(educadora), depois um dia eu cheguei e eu vi que estava diferente” responde NG: não, nunca mudei HP: eu não mudei nada AP: acena com a cabeça que não RA: Não Eu: Então e se pudessem mudar alguma coisa, mudavam? O que mudavam na sala? NG: olha eu gostava de ter uma área das pistas, pistas gigantes VM: ter uma área das experiências HP: área das experiências Eu: E o que gostavam de ter e fazer na área das experiências? HP e VM: luvas, lupas, a pele dos peixes, poções AP: não sei		

RA: área dos peixes

Entrevista: Nº 5	Data: 10 de dezembro	Intervenientes: GM; G; JS; MO e PM.
Eu: Qual é a área que gostam mais? Garagem (GM) ; Jogos de chão (MO; JS) Casa (PM); G: plasticina Eu: O que acham dos materiais da sala? PM: Bons, mas gostava de ter mais playmobils GM: bons G: são bons, mas podia haver mais e também podíamos trazer mais brinquedos de casa JS: Bons MO: bons, mas também gostava de ter mais playmobils Eu: Já alguma vez mudaram o espaço da sala? PM: não GM: encolhe os ombros G: Não JS: não MO: Não Eu: Então e se pudessem mudar alguma coisa, mudavam? O que mudavam na sala? PM: Eu gostava de ter aqui na sala a área dos tubarões e a área dos peixes para fazermos experiências GM: a área da garagem “mais gande” G: uma área do cinema e de areia para construir. Nos jogos de chão punha o uno para quem sabe jogar. Na garagem punha uma pista grande, grande mesmo, sabes Ana Rita daquelas gigantes. Na casinha, punha o cesto à venda e punha mais copos. JS: mais jogos na nossa sala MO: uma área dos playmobils		

Para a análise adequada das transições das entrevistas, a informação recolhida foi organizada em duas categorias: (i) organização do espaço da sala e (ii) participação na organização e funcionamento

Tabela A6

Transcrição das entrevistas às crianças – organização do espaço

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidades de registo	Frequência
organização do espaço da sala	Espaço de preferência	Jogos de mesa	Jogos de mesa (AP) (entrevista 4)	1
		Casa	Casinha (PP; HR; MM) (entrevista 1)	11
			Casa (CP; MS; LS (entrevista 2)	
			Casa (ML; RC; MG; MR) (entrevista 3)	
			Casa (PM) (entrevista 5)	
		Garagem	garagem (MP; CV) (entrevista 2)	6
			Garagem (NG; HP; RA) (entrevista 4)	
			Garagem (GM) (entrevista 5)	
		Jogos de chão	legos (RG)	3
			Jogos de chão (MO; JS) (entrevista 5)	

	Opinião acerca dos materiais	Artes	desenho (SH) (entrevista 3)	2
			Plasticina (G)	
		Manter	estão bem (HR; MM; CV; MP) (entrevista 1)	10
			eu acho bem (CP) (entrevista 2)	
			são bons (LF) (entrevista 2)	
			Bons (ML; SH; RC; MG) (entrevista 3)	
		Alterar	olha eu acho giros, mas gostava de ter mais jogos (entrevista 1)	9
			gostava de ter mais jogos sobre o mar e sobre os peixes (entrevista 2)	
			bons, mas gostava de ter mais coisas do projeto (entrevista 3)	
			eu acho que são bons, mas gostava de ter uma pista gigante ali na garagem (entrevista 4)	
			são bons, mas podíamos ter mais jogos (entrevista 4)	
			eu gostava de ter jogos das experiências, mais jogos (entrevista 4)	
			Bons, mas gostava de ter mais playmobils (entrevista 5)	

			são bons, mas podia haver mais e também podíamos trazer mais brinquedos de casa (entrevista 5)	
			bons, mas também gostava de ter mais playmobils (entrevista 5)	

Nota. Elaboração própria com base nos dados recolhidos

Tabela A7

Transcrição das entrevistas às crianças – participação na organização e funcionamento.

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidades de registo	Frequência
Participação na organização do espaço da sala	Participação na organização do espaço	Sim	Ai eu já, o ano passado com a outra estagiária tínhamos a área das ciências (entrevista 1)	5
			sim a área das ciências (entrevista 1)	
			sim, já tivemos a área das ciências (ML) (entrevista 3)	
			Sim, a área das ciências (RC) (entrevista 3)	
			já, era assim ... havia uma área das experiências na área da garagem ali, a área da garagem era ali na parte da biblioteca e a biblioteca na área da casa (VM) (entrevista 4)	
	Não	Não	Eu não estava cá (HR; PP) (entrevista 1)	18
			Eu não mudei nada (CV) (entrevista 1)	
			Todos respondem que não (CP; LF; MS; LS; RG) (entrevista 2)	

			Não (SH; MG) (entrevista 3)	
			Nunca mudei (NG; HP) (entrevista 4)	
			Acena com a cabeça que não (AP) (entrevista 4)	
			Não (RA) (entrevista 4)	
			Não (PM; G; JS; MO) (entrevista 5)	
	Alterações no espaço	Áreas	mudava a biblioteca Ana Rita. Sabes, eu gosto muito de ver livros e assim sossegadinho e caladinho (HR) (entrevista 1)	18
			acho que devíamos ter duas casas. Também temos que por os sofás na biblioteca para nos sentarmos lá a ver os livros (MM) (entrevista 1)	
			eu gostava de ter uma área das ciências. Sim sobre o nosso projeto (CP; LF; LS) (entrevista 2)	
			eu gostava de ter uma biblioteca (RG) (entrevista 2)	
			uma área dos peixes com lupas, peixes, conchas e pedras e também mais livros e computadores (MS) (entrevista 2)	
			Uma área das ciências e das experiencias (ML; MG) (entrevista 3)	
			Uma área das ciencias com coisas novas (RC) (entrevista 3)	
			Uma cozinha (MG) (entrevista 3)	
			olha eu gostava de ter uma área das pistas, pistas gigantes (NG) (entrevista 4)	
			Ter uma área das experiencias (VM; HP) (entrevista 4)	
			Área dos peixes (RA) (entrevista 4)	
			Eu gostava de ter aqui na sala a área dos tubarões e a área dos peixes para fazermos experiências (PM) (entrevista 5)	
			uma área dos playmobils (MO) (entrevista 5)	
			uma área do cinema e de areia para construir (G) (entrevista 5)	

		Materiais	mais jogos (PP; CV) (entrevista 1)	3
			Nos jogos de chão punha o uno para quem sabe jogar. Na garagem punha uma pista grande, grande mesmo, sabes Ana Rita daquelas gigantes. Na casinha, punha o cesto à venda e punha mais copos (G) (entrevista 5)	

Nota. Elaboração própria com base nos dados recolhidos

A nossa sala está diferente (ML)” – (re)organização do espaço

Valorizando os interesses do grupo de crianças e com a finalidade de colmatar as fragilidades a nível da organização do espaço e apropriação dos diferentes espaços, procedeu-se a alterações na sala, dando continuidade às intenções da educadora” *Quando vejo que um espaço não está a ser requisitado é porque alguma coisa não está bem. Vemos o que precisamos de mudar e mudamos, o que gostam e não gostam”.*

Em conjunto com as crianças o espaço da biblioteca foi reorganizado, permitindo tornar-se funcional e disponível para uso das crianças e, foi, ainda, acrescentado um novo espaço- a área das ciências



Figura A16. Novo espaço das ciências

As crianças foram envolvidas e participaram em todo o processo de organização de ambos os espaços, o que permitiu um aumento significativo a nível da participação ativa e autónoma.

As crianças desempenharam um papel ativo na reorganização do espaço da biblioteca. Num primeiro momento foi sentida a necessidade de fazer uma seleção de alguns livros. Tal opção deveu-se à necessidade de reduzir a quantidade de livros, escolhendo os mais adequados e excluindo aqueles que apresentavam más condições ou livros com imagens estereotipadas e/ou texto pouco rico. Posteriormente a essa seleção, incentivei

as crianças a pensar qual seria a forma de organizar a biblioteca e juntamente com elas procedemos à organização dos livros

TEMOS DE FAZER MONTINHOS” afirma a Margarida S. “montinhos?” questiono “sim, o montinho dos animais, o montinho das histórias a sério, assim” afirma “então vamos lá colocar os livros por montinhos” (Nota de campo 174, 15 de janeiro, organização do material – biblioteca).

Em conjunto, vimos os livros e as crianças, autonomamente, agruparam-nos por categoria, sendo atribuída uma cor: animais- verde; coleções- laranja; enciclopédias- cinzento; formas e cores- azul; histórias a sério- vermelho e fábulas e contos- branco.

As crianças escolheram as cores e organizaram os livros autonomamente, tendo eu desempenhado, apenas, um papel de mediadora. Desta forma é possível afirmar que, aquando da (re)organização do espaço da biblioteca, as crianças desempenharam um papel ativo, tendo sido proporcionado espaço para que estas partilhassem as suas ideias e opiniões e tomassem as suas decisões.

No que concerne ao espaço das ciências, este não existia, pelo que é sentida a necessidade de criar um novo espaço relacionado com o conhecimento do mundo, surgindo de forma a dar resposta aos interesses das crianças.

A organização do espaço vem a ser outro dos momentos que potencia a participação ativa das crianças.

Com a principal finalidade de proporcionar oportunidade de escolha, foi questionado ao grupo quem queria ajudar *“agora temos de organizar os materiais todos que trouxeram e organizar a área, quem é que me quer ajudar?” “EU” gritam a ML e o HR*. Na organização dos diferentes materiais, incentivei as crianças a, em conjunto, decidirem como arrumariam e organizariam os recursos *“Mostro às crianças os diferentes materiais que temos e com a sua ajuda colocamos em caixas “olha, esta caixa pode ser a caixa das conchas” afirma o HR enquanto as guarda numa caixa “ah então eu meto aqui as pedras nesta caixa” diz a ML. Vão guardando os materiais enquanto trocam ideias um com o outro*. Embora, algumas das questões fossem iniciadas por mim, como por exemplo *“como poderíamos organizar”* ou *“como saber onde arrumar os diferentes materiais”*, era proporcionada a oportunidade de as crianças partilharem as suas ideias e opiniões e assim as decisões serem tomadas pelas mesmas, sendo que apenas procurei desempenhar um papel de mediador *“então e agora como é que vamos fazer para os meninos e os adultos saberem que esta é a caixa das luvas, aquela é a*

caixa das conchas e a outras todas?” “temos que por aqui o nome” sugere a ML “sim escrevemos, eu posso ajudar-te porque eu já sei escrever” diz o HR”



Figura A17. Organização dos materiais- espaço ciências.

Após a reorganização do espaço da sala, priorizei na minha ação momentos de brincadeira, proporcionando às crianças oportunidades para escolherem os espaços para brincar.

Desta forma, analisando a tabela 2, apresentada acima, correspondente após a reorganização do espaço, é possível constatar que ao nível da categoria oportunidades de escolha, regista-se um aumento significativo de escolhas autênticas e com propósitos

Ao nível das escolhas autênticas, sucederam, em grande parte, em momentos de planeamento em grande grupo, sendo que procurava planejar com as crianças, questionando-as acerca do que queriam fazer “*O que querem fazer?*” “*BRINCAR OUTRA VEZ NAS ÁREAS*” *grita a maior parte do grupo*”. Nas suas respostas reflete-se a necessidade e o interesse em brincar nos diferentes espaços. Após a reorganização do espaço e de forma a compreender se tal alteração influenciava nas escolhas das crianças foi inserido um novo instrumento na sala – tabela das áreas

ANEXO B. ENTREVISTA REALIZADA À EDUCADORA COOPERANTE

Guião de Entrevista

Destinatária: Educadora de Infância (PPS II 2018/2019)

Objetivos:

- Caracterizar as concepções da educadora sobre (i) a criança e o lugar da mesma na educação pré-escolar(ii) as famílias e as suas formas de participação
- Conhecer os modelos e as abordagens pedagógicas que sustentam o desenvolvimento do currículo na educação pré-escolar.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
C. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	• Legitimar a entrevista; • Motivar a entrevistada.	- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” para o relatório da PPS II. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições	
A. Definição do perfil da entrevistada	• Conhecer o percurso profissional da educadora	A1. Qual a sua formação nesta área profissional? Sou formada pela Escola superior de Educação Maria Ulrich. A2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?	

		40 anos. A3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são? No sítio onde comecei a trabalhar, as crianças tinham muitas necessidades económicas, mas não o demonstravam e isso, para mim era um grande entrave, designava como a “pobreza envergonhada”. As crianças tinham muitas dificuldades e num grupo de 25 crianças, 5 ou 6 é que tinham mais recursos. Algumas crianças chegavam sem comer e isso fazia-me muita impressão. Tinha crianças que vinham a pé que não tinham dinheiro para comprar o título de transporte. Fazíamos muitas campanhas para ajudar. O que me impressionou muito foi realmente a pobreza, eu não tinha noção. Atualmente, é o barulho que se gera numa sala e os grupos grandes. Eles não obedecem e querem ser satisfeitos logo no imediato, esperam respostas imediatos e por vezes é difícil num grupo de 25 crianças. A4. Fale-me do seu percurso profissional. Eu tirei o curso de educadora, terminei em 1978. Fiz muitos estágios e fui trabalhar para uma IPSS¹. Tive lá vinte anos, mas fiz muitas coisas fora. Recebi alunas de Erasmus. Desde sempre tive alunas estagiárias até de enfermagem eu cheguei a acompanhar. Nunca estava sem estagiária. Quando recebia as estagiárias de Erasmus, mais tarde	
--	--	--	--

¹ Não é referido o nome da instituição, de forma a manter a confidencialidade e anonimato.

		deslocava-me aos seus países para reconhecer as suas realidades – República. Checa, Finlândia, Suécia. Depois concorri para a função pública e tive dez anos num destacamento, numa instituição de crianças e jovens em risco, fazia as funções de coordenadora nos lares dos mais novos (4-12 anos) e também de encarregada de educação deles nas várias escolas. Faz dez anos que estou nesta instituição, que vim para o direto e que permaneço até hoje. A6. Ocupa, ou ocupou, algum cargo nesta organização? Sim, fui coordenadora de departamento do pré-escolar durante quatro anos e agora há três anos que faço parte do conselho geral – onde se tomam as decisões, sendo que eu e outra colega representamos o pré-escolar. A7. Frequentou alguns cursos/ações de formação? Todos os anos faço uma a duas formações sempre diferentes. Frequentei muitas acerca de gestão de conflitos, iniciação à escrita, à matemática, literatura infantil. A8. Considera pertinente receber estagiárias? Porquê? Eu considerei pertinente até ao ano em que as estagiárias não vinham no início do ano letivo. Neste momento penso seriamente em deixar de receber. Eu acho que vocês não trazem bagagem suficiente para agarrar num grupo no início de um ano letivo.	
--	--	---	--

		Mas claro que gosto de receber e é importante. Para vocês porque é na prática onde se aprende e porque precisamos mesmo de estar em contacto com as crianças para saber o que é a realidade e importante para as crianças e para nós que aprendemos coisas novas com as estagiárias.	
B. Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos: • Importância da educação dos 3 aos 6 anos;	• Compreender o grau de importância que a educadora atribui à educação pré-escolar;	B1. Fale-me da educação dos 3 aos 6 no panorama educativo nacional? Eu acho que o pré-escolar ainda continua a ser o parente pobre da educação, a creche ainda é menos beneficiada. A educação não começa aos três anos. Quando os professores falam dos educadores é como se fosse uma coisa qualquer, estão só a entreter as crianças. Tudo começa quando as crianças nascem. O pré-escolar é menosprezado. Não é aos três anos que começam a aprender e a desenvolver-se. Há uma desvalorização geral. Há outra coisa que condeno um pouco nas educadoras. Muitas vezes esquecem-se que, quando tiram os cursos há que fazer sempre uma atualização, é necessário haver uma formação continua. Muitas vezes sabem o que querem não sabem fundamentar. É o que sinto e tenho de dizer. É muito importante a formação continua para se atualizarem e saberem fundamentar as suas ações. B2. O que significa para si a educação dos 3 aos 6 anos? Eu acho que é a base da educação destas crianças. As educadoras não têm um programa para cumprir podem	

		adaptar as orientações curriculares aos vários assuntos que querem tratar. Mas não há um programa há sim as orientações. E existem aprendizagens, assuntos, temas que se não se tratarem aqui, às vezes as crianças correm o risco de nunca mais ouvirem falar. B3. Qual a importância da educação pré-escolar para a(s) criança(s)? E para a(s) família(s)? Para as crianças eu acho que são momento únicos para aprendizagem de conceitos fundamentais para aprendizagens futuras. Importante também para brincar é fundamental brincarem nesta fase. A partir do brincar surgem as amizades, adquirem valores, valorizo e dou muita importância ao brincar. Para as famílias, acho que se as famílias entenderem esta fase da escolaridade dos filhos conseguem complementar em casa o que se faz no jardim de infância. É importante que eles procurem saber o que as crianças fizeram, sem massacrar, algo mais natural do que estar a forçar. Eu acho importante servirem-se da escola para completar as atitudes deles, a maneira de ser, estar e fazer. E vice-versa claro. Também considero que é fundamental que a educadora saiba as linhas orientadoras em casa. B4. O que significa ser educadora de infância? Há muito aquele <i>cliché</i> que gosto de crianças, mas não é o caso. Onde eu vivia não havia jardim de infância e no momento de entrar para a escola, não havia vaga porque fazia os 6 anos em agosto.	
--	--	---	--

		Fui para o género de uma sala onde aprendia a bordar, ponto cruz, entre outras coisas. Foram umas freiras que nos ensinaram, mas eu não gostava muito. Nesse mesmo ano, abriu uma creche, sendo que as freiras cuidavam dos bebés. Uma das freiras começou a montar uma sala de jardim de infância. Ora eu enquanto estava no ponto cruz pedia muito para ir ver os bebés. Quando se começou a montar a sala eu pedi à minha mãe para ir para lá, era a criança número quatro. Eu tinha ajudado a montar a sala, desde a ajudar a arrumar os materiais e partir desse momento, à medida que fui para a escola eu nunca quis ser professora primária. Eu brincava sempre ao jardim de infância. Eu comecei sempre a ter gosto a falar do jardim de infância e do que lá aprendi. Foi uma novidade tão boa, eu experimentei uma coisa que não sabia que existia – aprender a brincar. Eu quando cheguei à escola já sabia algumas coisas como pesar as coisas e medir. Lembro-me de visualizar a sequência das letras e do abecedário, o gosto pelas histórias, pelos livros. Ser educadora vem daí, estar com os meninos a brincar, a ensinar, a contar histórias, para mim, isto é um mundo mágico!	
C. Trabalho em equipa	• Relações e interações entre atores; • Conhecer o conceito de equipa; • Compreender como é realizado o trabalho em equipa.	C1. Como são as relações e interações entre agentes educativos? É assim, entre famílias e a sala são relações privilegiadas tanto de uma parte como de outra. Os pais são compreensivos, colaboradores e são participativos quando solicitados ou não. Estão sempre a ajudar.	

		C2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância? É uma equipa difícil, são pessoas com hábitos instalados e são pessoas que têm maneiras de trabalhar muito diferentes, mas eu dou-me com todas. C2.1 Costumam reunir? Aqui o trabalho em equipa é o possível. Existem reuniões semanais. Só falamos de coisas que se passam em conjunto e também supervisão da AEF, sobretudo situações particulares. C3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? Eu acho que, o mais importante é discutirmos casos, para nos ajudarmos umas às outras. Porque o resto vai acontecendo. Achava importante planear outras coisas até. Por exemplo trabalhos de projeto, mostrar mais coisas entre sala ... C4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?	
--	--	--	--

		Nas quatro salas existe, mas é só no que se planeia em conjunto – dia da alimentação, festa de natal, festa de carnaval e pouco mais, só os dias festivos. Geralmente quando faço um projeto, faço sempre partilha, existe muita partilha entre a sala 4 e a sala 3. C5. As educadoras da organização socioeducativa trabalham em cooperação? Não. Esporadicamente.	
D. Relação com as Famílias	• Conhecer a participação das famílias das crianças; • Conhecer as estratégias utilizadas pelo educador de modo a promover o contacto com as famílias e entre famílias	D1. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização? As suas? No geral, existe uma associação de pais que colabora com todas as salas que promovem atividades, imensas. Depois, no início do ano, para os pais que me conhecem é fácil, para os que não conhecem dou-me a conhecer, nas primeiras semanas faço ateliers e depois há a semana cultural em que participam. Os pais podem a qualquer altura falar comigo. Tenho a hora de atendimento, mas vamos imaginar que não é possível, por vezes acontece. Nessas situações eu mudo o meu horário e venho mais cedo ou fico até mais tarde, funciono assim. Numa altura qualquer podem vir à sala dinamizar uma atividade. Estas famílias costumam mandar imensos materiais.	-Compreender o tipo de participação - Compreender se as famílias têm possibilidade (tempo, espaços e mecanismos) para participarem na vida educativa das crianças

		D2. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância? Reuniões de grande grupo são quatro – (i) setembro, (ii) janeiro, (iii) depois da páscoa e em (iv) julho. As individuais ocorrem sempre que me solicitam ou os solicito. Quem participa são os pais e eu e quando há estagiária, é também a estagiária. D3. Potencialidades e dificuldades que tem nesta dimensão? Nas relações com as famílias eu até me sinto privilegiada porque acho que os pais não contestam as minhas opiniões. Muito pelo contrário, são pessoas acessíveis, conversam comigo. O que conversam é útil para eles, confiam em mim. Há muita colaboração, participação, partilha das famílias. As dificuldades nunca foram sentidas, é preciso saber chegar à família, transmitindo a segurança que eles precisam para nos deixar os seus filhos. Com os pais sou uma pessoa transparente. D4. – Como caracteriza as famílias? Um meio socioeconómico médio alto no seu geral. Tenho famílias mais compreensivas do que outras, mais participativas e interventivas que outras. Nunca tive nenhum problema em quarenta e quatro anos de trabalho, nunca tive nenhum problema no geral.	
--	--	--	--

		Dão sempre resposta quando lhes solicito algo..	
E. Conceção e lugar da(s) criança(s)	• Caraterizar conceções de criança e infância • Compreender e situar o(s) lugar(es) das crianças na educação pré-escolar	E1. Como define criança? E que lugar ocupa a criança na educação pré-escolar? Para mim, criança é um ser sempre em mutação que se vai desenvolvendo e que precisa de atenção carinho. Dou muita importância ao cuidar e a criança precisa disso mesmo, o cuidar do adulto. Procuro que sejam amigos e justos. Para mim, as crianças na educação em pré-escolar são o parente pobre. Digo isto porque são quem tem menos apoios. Não dão valor à educação pré-escolar. São sempre os menos valorizados, mas depende de quem os representa. Eu acho a etapa mais importante e não é por ser educadora. É a etapa mais importante da vida de uma criança, porque o que eles não aprenderem aqui dificilmente terão oportunidade de aprender em outro lado. Aqui não um currículo obrigatório e a educadora respeita o seu currículo e ritmo das crianças. E2. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico? É um grupo simpático, faladores e agitados. Tenho um ou dois focos de destabilização. As relações interpares é fruto do primeiro trimestre. Faço a caracterização através do que acontece diariamente, do que vou observando.	

F. Abordagem ² Pedagógica	• Identificar os princípios pedagógicos seguidos pela educadora. • Identificar o modelo pedagógico implementado pela educadora.	F1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática? F2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, Qual? Como o implementa?	
G. Organização do ambiente educativo	• Conhecer a organização do ambiente educativo. • Compreender como o profissional de educação gere o ambiente educativo.	G1. Como organiza o ambiente educativo para que seja profícuo para o desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças? Eu procuro que o ambiente educativo seja apelativo para os motivar para as suas escolhas. Para mim o ambiente educativo não é estanque, geralmente modifico consoante o que estamos a fazer por exemplo aumentar uma área ou retirar outra. Vou adaptando ao que estamos a trabalhar. Gosto que participem nessa mudança. Os materiais também têm influência, tenho sempre critérios para escolher os materiais. G2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo? Como as define? Eu acho que o tempo educativo tem que estar estruturado, de maneira que eles entendam a sequência do dia. Que entendam o que fazem, onde fazem, porque fazem. Eu dou muito importância à transição entre as atividades e dou muita	Perguntar se é o estabelecimento (organização) que gere a organização do tempo, espaço e materiais.

² As respostas a este bloco encontram-se explicitas no Plano Curricula de Grupo (2018-2019).

		importância ao tempo da conversa, priorizo bastante na minha prática. G3. Como se organiza o grupo nos diferentes momentos da rotina? Porquê? Organizo de diferentes maneiras. Acolhimento – desenho e o brincar com os jogos em grande grupo. Depois existem manhãs que faço atividades no tapete que acaba por desencadear o resto do dia. Há dias que escolhem as áreas, exceto os dias de música e ginástica, que é uma rotina diferente. Nas atividades faço por vezes em pequeno grupo matemática e escrita. Por exemplo em grande grupo costumo trabalhar as sílabas. Higiene e alimentação em grande grupo. A tarde depende muito da manhã. Por vezes início com a atividade logo no tapete, ou por vezes brincam nas áreas.	
H. Observação, Planificação/Documentação/Avaliação	• Conhecer os procedimentos de observação e avaliação da criança e do ambiente educativo. • Compreender como é elaborada a planificação educacional.	H1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)? Mais ou menos tenho um esquema para o trimestre, mas anual nunca. No primeiro trimestre baseio-me mais em quem sou eu, os amigos, a escola, a comunidade, onde estou inserido; segundo trimestre vou mais ao pormenor e depende do que desenvolvi no primeiro (surgem os projetos); no terceiro geralmente faço mais atividades de pequeno grupo e procuro compreender mais as dificuldades. Grupos de recorte, grafismo, o que sinto que têm	

		dificuldades. Principalmente os que vão ingressar no 1º ciclo. Também preparo o final de ano de acordo com o que andámos a fazer. No primeiro trimestre não faço mensal, porque sei o que pretendo atingir, as mensais surgem no segundo e terceiro já com objetivos específicos. As diárias são as planificações que faço com eles, é o que se vai passando no dia a dia. H2. Pode falar-me sobre os critérios que usa para selecionar os conteúdos para as suas planificações? Geralmente, baseio-me mais no desenvolvimento deles e nas áreas que depois os vou avaliar, as áreas das orientações curriculares. H3. Como é feita a avaliação das crianças e a avaliação do ambiente educativo? Das crianças faço através das áreas. Por exemplo formação pessoal e social tenho uns itens. Em cada uma das áreas de conteúdo, tenho um conjunto de itens. É uma avaliação descritiva. À medida que vou observando, vou anotando, o que eles conseguem ou revelam maior dificuldade. Quando as coisas não estou a resultar, nós observamos e modificamos, essa é a avaliação. Vou observando e modifico quando acho que é necessário. Há alterações que faço conforme o desenvolvimento do grupo, coloco jogos, tiro jogos.	
Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista	-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade	- Confirmar se existe algo mais a acrescentar - Agradecer a disponibilidade

ANEXO C. ROTEIRO ÉTICO

Roteiro Ético			
Princípios Tomás (2011) – Princípios na investigação	Princípios Apei- ética profissional	Estratégias	Evidencias
1. Objetivos do trabalho	- Compromisso com as crianças “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto”. - Compromisso com as famílias “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família”. - Compromisso com a equipa de trabalho “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade”.	Numa fase inicial da prática, os objetivos de investigação foram partilhados, refletidos e debatidos com a educadora cooperante. No que concerne à partilha com a família, esta realizou-se a partir da existência de conversas informais. Referente à partilha dos objetivos com as crianças, esta não sucedeu de forma direta. Procurei que os objetivos tivessem subjacentes na minha ação. Desta forma procurei estabelecer como prioridade agir em conformidade com os objetivos delineados.	<i>“estou a fazer um trabalho para a minha escola” [a mm intervém] “é sobre o que?” “é sobre a nossa sala, o espaço da nossa sala ... os materiais e as áreas. E era muito importante para o meu trabalho fazer-vos algumas perguntas”</i> <i>“ai eu quero ajudar-te” afirma a ml “eu também quero ajudar” diz o hr “bem, eu estava a pensar em fazermos pequenos grupos e assim todos podiam responder às perguntas o que acham?” “sim” responde o grande grupo quase que, em coro”</i>
2. Custos e benefícios	Compromisso com as crianças	A concretização da investigação teve em conta benefícios e custos. Benefícios no sentido que a partir da investigação-ação foram desenvolvidas um conjunto de	

	“Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” “Garantir que os interesses das crianças estão acima dos interesses pessoais e institucionais”.	estratégias promotoras da participação da criança na organização do espaço e proporcionadas oportunidades de escolha. O espaço foi sendo (re)organizado de forma a dar resposta aos interesses e crianças. Assumo que os custos possam estar associados à alteração do espaço. Alterar o espaço, sobretudo com o envolvimento e participação das crianças exigiu que a rotina sofresse algumas alterações, sendo que muitos dos momentos eram destinados à (re)organização.	
3. Respeito pela privacidade e confidencialidade	• Compromisso com as crianças “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança”. • Compromisso com as famílias “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança”. • Compromisso com a equipa de trabalho	A todos os intervenientes foi explicitado que seriam assegurados o anonimato e a confidencialidade de todos os dados pessoais. No início da prática, solicitei não só a autorização de cada família para a concretização dos registos fotográficos de cada criança, como solicitei a cada criança. Os nomes das crianças foram substituídos pelas iniciais e o mesmo acontece com a equipa educativa da sala. Foi igualmente mantido o sigilo de qualquer informação relativa à instituição educativa, sendo que	

	“ Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade”	em momento algum é referido elementos que permitam identificar a instituição.	
4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir	• Compromisso com as crianças “Garantir que os interesses das crianças estão acima dos interesses pessoais e institucionais”	Sendo o espaço, um lugar que diz respeito a todo o grupo, as 25 crianças foram envolvidas no processo de investigação. Na organização do espaço, as crianças tinham a oportunidade de escolher quem queria colaborar com sugestões e participar na reorganização. Na apropriação todas as crianças foram envolvidas.	
5. Planificação e definição dos objetivos e métodos de investigação	• No compromisso com a equipa de trabalho “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações” “Contribuir para o debate, a inovação e procura de práticas de qualidade”	A natureza da investigação e os métodos apenas foram partilhados com a educadora cooperante, a fim de existir troca de ideias organizando, da melhor forma possível a prática educativa.	
6. Consentimento informado	• No compromisso com as crianças “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura,	Neste caso, no que refere às crianças tratou-se não de um consentimento, mas sim de um assentimento devido às suas idades. Desta forma para a concretização de registos fotográficos, solicitei a autorização	<i>“Hoje irei preencher com as crianças a tabela da autorização para os registos fotográficos. . . . Eu perguntei aos pais se podia tirar fotografias a vocês e aos vossos trabalhos. Mas eu</i>

	estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança” “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais”	a cada criança através do preenchimento de uma tabela. Contudo no que refere à concretização da investigação, fui questionando as crianças acerca de quem queria participar em determinado momento da organização do espaço.	<i>também gostava de ter a vossa autorização” (Nota de campo 32, 23 de outubro).</i>
7. Possível impacto nas crianças	• No compromisso com as crianças “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem” “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance”	A concretização da investigação permitiu às crianças obter conhecimento acerca da organização do espaço e por isso apropriarem-se dele com maior facilidade. Organizar o espaço com a sua intervenção permitiu obter aprendizagens sobretudo ao nível da formação pessoal, no sentido de aprender a ouvir e respeitar a opinião dos outros e tomar decisões em grupo.	
8. Informação às crianças e adultos envolvidos	• No compromisso com as crianças “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de	No que respeita à divulgação de informação junto das crianças, esta foi sendo realizada ao longo da prática. Junto das famílias tive a oportunidade de divulgar a informação nos momentos de	<i>“Assim que todos os encarregados de educação estão presentes, dou início à minha apresentação e partilho com as famílias o trabalho desenvolvido no âmbito da metodologia de trabalho de</i>

	desenvolvimento e capacidade de aprendizagem” • No compromisso com as famílias “Respeitar as famílias e a sua estrutura, valorizando a sua competência educativa”.	acolhimento, nos quais as famílias eram convidadas a entrar na sala e ainda com a minha participação numa reunião.	<i>projeto, assim como o trabalho de investigação” (Nota de campo 159, 8 de janeiro).</i>
--	---	--	---

Nota. Elaboração própria

ANEXO D. ENTREVISTA REALIZADA À EDUCADORA COOPERANTE- ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Guião de Entrevista

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
D. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	• Legitimar a entrevista; • Motivar a entrevistada.	- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do tópico “investigação em jardim de infância” para o relatório da PPS II. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições	
E. Organização do espaço	• Compreender as intenções da educadora na organização do espaço	1. Quais são as suas principais intenções na organização do espaço? Na parte física, que seja adequado à quantidade de crianças que cada área vai ter. As áreas que mais precisam de luz, terem essa luz e o equipamento adequado à temática de cada área. 2. Que oportunidades de aprendizagem são proporcionadas? Na área da casa está organizado o mais parecido possível com a casa deles, para depois as crianças terem possibilidade de representarem papéis o mais real possível, nas roupas, materiais, na organização do espaço.	

		A garagem está sempre perto da área das construções (jogos de chão), para que se possa ser quase um prolongamento. A área da plástica perto do ponto de água. Nos jogos de mesa a arrumação e organização tem muita importância para mim. Outra coisa é não fazerem um jogo e não o levarem até ao fim. Terminar os jogos que iniciam. Às vezes também é bom jogarem a pares, proporciono isso uma criança desmotivada com uma criança motivada. Na área da biblioteca, que os livros tenham o seu espaço, identificado por cores que correspondem a temas (animais, enciclopédias). 3. Quais os seus principais critérios na escolha dos materiais? Resistentes, lúdicos, adequados às idades das crianças e com objetivos didáticos. 4. Quais os instrumentos que utiliza para a avaliação dos espaços e materiais? Avalio o espaço e materiais com as crianças. Para mim os instrumentos são as crianças. Quando vejo que um espaço não está a ser requisitado é porque alguma coisa não está bem. Vemos o que precisamos de mudar e mudamos, o que gostam e não gostam.	
--	--	---	--

	Compreender as estratégias de envolvimento e participação das crianças	5. As crianças participam na organização do espaço? Eles participam, não na fase inicial, mas depois na primeira semana posso trocar, claro. 6. As crianças podem escolher para que áreas querem ir? Que tipo de escolhas é que permite/potencia? Podem! Há dias que existem muitos que querem ir para a mesma área. Por isso utilizo estratégias como fazer ao calhas na lista de presenças, outras vezes por exclusão de partes (quem já foi muitas vezes e quem ainda não foi). São algumas estratégias que utilizo. 7. Como é feita a apropriação das áreas? Há um número limite de crianças, mas por vezes eu deixo que entrem mais crianças. Quando estão organizadas, existem estratégias. As crianças podem transportar os materiais de uma área para a outra. 8. As crianças podem sugerir alterações no espaço da sala? Como é que dá resposta a essas alterações? Podem. Alterações fiáveis e profícuas para o grupo eu embarco. Por vezes querem alterações de acordo com os gostos deles. Outras vezes não é possível, mas tento sempre negociar.	
Conclusão da entrevista	Finalizar a entrevista	-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade	

